

ESTRUTURA FAMILIAR E FORMAÇÃO DA RENDA ENTRE PEQUENOS ACACICULTORES

Arnaldo José de Conto¹ Eng.Agr. MSc., Derli Dossa¹ Eng.Agr.Dc., Renato Dedecek¹ Eng.Agr. PhD. Gustavo Ribas Curcio¹, Eng.Agr. MSc. Antônio Higa¹Eng. Florestal PhD.

RESUMO O estudo analisou a estrutura familiar e a formação da renda de 6 propriedades de acacicultores da Encosta da Serra Gaúcha. Dez famílias vivem nas propriedades. Dessas, quatro se enquadram como “agricultores de tempo parcial”, duas como “agricultores com residência urbana” e quatro como “agricultores aposentados”. Cinco, dos 28 filhos se dedicam exclusivamente à agricultura, três moram na propriedade e trabalham parcialmente na agricultura, três têm menos de doze anos e 17 residem fora das propriedades e exercem atividades urbanas. De cada propriedade 3,5 membros possuem renda não agrícola. Da renda familiar, 52,9% provém da propriedade e 47,1% de atividades não agrícolas. A acacicultura só é superada pela criação de animais na formação da renda agrícola.

palavras chaves: *acácia negra, tempo parcial, Acacia mearnsii.*

FAMILY STRUTURE AND INCOME COMPOSITION OF BLACK WATTLE IN SMALL FARMERS.

ABSTRACT This paper aims to analyze family structure and income composition of black wattle growers in six small farms located at Encosta da Serra Gaucha, Rio Grande do Sul State. Ten families live at these small farms. From these, four were classified as “part time farmers”, two as “urban farmers”(who live at urban areas) and four as “retired farmers”. Five of them are younger than 12 years old and 17 live outside the farms and are incomes are farm originated and 47% come from other activities not related with agriculture. Income from black wattle wood and bark production is overcomed only by livestock receipts.

Key words: *lack wattle, part time farmers, Acacia mearnii.*

I. Introdução

¹ Eng. Agr. MSc EMBRAPA/CNPFloresta, C.Postal 319. Colombo - PR. CEP 83.411-000

O cultivo da acácia negra no Brasil, ocorre quase exclusivamente no Rio Grande do Sul, onde, em 1990, ocupava uma área de 124.504 hectares de um total de 390.601 hectares cultivados com florestas. Vale salientar que no Estado somente 3% da área é coberta com florestas nativas (SIQUEIRA 1995).

Uma das poucas análises sobre os produtores e características das propriedades, mesmo que de forma superficial e retratando em período distante, foi realizada por OLIVEIRA (1968), o qual atribui à cultura da acácia as mudanças havidas na região produtora, que propiciaram ganhos econômicos significativos aos produtores. Além disso, a acácia possibilitou a recuperação de áreas já desgastadas pelo uso contínuo por culturas anuais.

SCHNEIDER (1995), analisando a agricultura em “tempo parcial” no Rio Grande do Sul, observou que, na década de 80, iniciou-se um processo de transformação das regiões onde se localiza o pólo coureiro-calçadista gaúcho. As indústrias buscaram localizar seu parque fabril em áreas mais próximas de vilas e mesmo no interior de “picadas” para aproveitar a mão-de-obra dos colonos e de seus familiares. Com isso, a agricultura alterou seu perfil, consolidando-se a acacicultura como atividade econômica. Os salários obtidos nas indústrias passaram a ser a principal fonte regular de renda das famílias. As rendas extra-agrícolas permitiram o surgimento de um novo tipo de agricultura definida como “agricultura em tempo parcial”. Segundo o autor esse fenômeno é o mesmo observado em países desenvolvidos como na França onde é denominada de “pluriactivité” e nos Estados Unidos como “part-time farming”.

Todo esse processo de mudança da estrutura produtiva leva SCHNEIDER (1995), a denominar a acacicultura como “cultura de abandono”, pelo pouco tempo de trabalho exigido pela cultura durante o ciclo; e por possibilitar o produtor “abandonar” a dedicação mais intensa à agricultura, atraído pelo emprego na indústria enquanto que a floresta de acácia cresce.

A observação de que as pequenas propriedades, em especial nas regiões mais urbanizadas, vem sofrendo modificações acentuadas, nos últimos anos, em especial no que se refere a formação da renda da família e, analisada por GRAZIANO DA SILVA (1995), serve para explicar as transformações ocorridas entre as propriedades que

cultivaram acácia na região estudada por SCHNEIDER (1995). Também foi relatado por GRAZIANO DA SILVA (1996) e GROSSI (1996) a existência de excedentes de mão-de-obra familiar, que se dedica a atividades urbanas, sem deixar de morar na propriedade com os demais membros.

FLEIG (1995) observou que o cultivo de acácia negra na região da Encosta Nordeste da Serra Geral e na Depressão Central passou a substituir o sistema de pousio de capoeiras para a regeneração da fertilidade do solo, que era tradicionalmente realizado pelos pequenos produtores. O autor também concluiu que a acacicultura, conduzida de forma adequada, além da preservação do ambiente, permite a geração de renda e, consequentemente melhora o nível de vida do produtor.

O estudo foi realizada com o objetivo de avaliar, junto a um número restrito de produtores de acácia negra, a estrutura produtiva das propriedades, a vinculação das famílias com as atividades tipicamente urbanas e a formação da renda familiar.

Mais especificamente procurou-se identificar: a área explorada; a estrutura familiar, a sucessão e a formação da renda familiar, com origem na propriedade e fora da mesma.

II- Metodologia

Os dados foram coletados junto a seis propriedades nos municípios de Dois Irmãos, Morro Reuter e Gramado, situados na região da Encosta da Serra Gaúcha. Elas foram identificadas a partir de um estudo que objetiva compatibilizar técnicas de manejo silviculturais, por tipo de solo, em solos derivados de basalto. Um dos aspectos levados em consideração nessa pesquisa foi o patamar de altitude das propriedades, distribuídas entre 200 e 860 metros do nível do mar. O critério básico para a escolha das propriedades foi a existência da cultura de acácia e não ser atípica na sua região. Para isso contou-se com orientação de técnicos vinculados ao setor da acacicultura, da extensão e dos próprios produtores da região.

As propriedades encontram-se em diferentes pisos de altitudes, em relevos bastante declivosos, onde inserem-se solos de média a alta fertilidade, porém, devido às limitações físicas e morfológicas

(pedregosidade, rochosidade e pequena espessura), apresentam sérias restrições ao uso agrícola.

Segundo BRASIL (1973), estas propriedades estão dentro da unidade de mapeamento Ciríaco Charrua, a qual deriva de litologia basáltica do Grupo São Bento Formação Serra Geral (IBGE, 1986).

No trabalho não se considerou o rigor estatístico da representatividade, optando-se pela metodologia de estudos de casos.

Procurou-se entender o processo de ajuste dos produtores às transformações que ocorrem na região com base na Teoria do Comportamento Adaptativo (PETIT, 1981). Esta se baseia na análise dos objetivos, situação vivida, percepção e adaptação dos produtores a novas situações.

A análise do processo de formação da renda das propriedades teve como base as adaptações feitas a partir das transformações ocorridas ao seu redor. Foi buscado o entendimento das consequências da maior inserção do setor urbano no setor rural, a qual provocou mudanças no comportamento dos produtores quanto a busca de outras alternativas de renda e de ajuste familiar. Nesse sentido, a sucessão familiar passou a ser vista como um ajuste dos objetivos das famílias à inserção urbana no meio rural, e ao novo patamar de renda oferecido às ocupações de caráter urbano industrial.

III - Análise dos Dados

1. Estrutura Familiar

As informações sobre os membros das famílias de cada propriedade, constam na Tabela 1. Os proprietários das áreas visitadas possuem idade média de 63 anos. O proprietário mais idoso já passou todo o processo decisório para os dois filhos que trabalham na propriedade (um com 33 anos, casado, mora na cidade próxima e outro solteiro que mora com os pais). O imóvel já foi dividido entre os herdeiros (7 filhos), ficando o casal com o “usufruto”.

Todas as esposas contribuem para a formação da renda da família, sendo quatro como aposentadas (propriedades **A**, **B**, **C** e **E**) uma fazendo serviços de costura (**D**) e uma auxiliando a filha que produz malhas para vender no comércio local. Além disso, todas auxiliam em atividades na propriedade (exceto a **B** que reside na cidade), cuidando de tarefas com animais.

Tabela 1. Característica da estrutura familiar do proprietários e dependentes vinculados à propriedade.

Produ- tores	Proprietário		Esposa	Dependentes		Familiares	
	Idade	Anos de Escola		Idade	Filhos	Famílias (1)	Depen- dentes
A	64	4	55		4	4	14
B	73	7	67		7	1	8
C	75	4	74		9	2	7
D	49	4	49		3	1	5
E	61	4	58		3	1	2
F	56	4	50		2	1	3
Média	63	4,5	58,8		4,7	1,7	6,5
							3,5

(1) Famílias que dependem total ou parcialmente das atividades desenvolvidas na propriedade.

No que se refere ao número de filhos, a média é de 4,7 por proprietário. Esse número evidencia uma elevada subdivisão das propriedades no espaço de uma geração. Em razão disso, a maioria têm buscado ocupação fora da propriedade. Do total de 28 filhos dos seis proprietários, somente três (10,7%) estão totalmente envolvidos com a propriedade dos pais, sendo dois na propriedade C e um na propriedade A. Três (10,7%) têm dedicação parcial, dois na propriedade A (um filho e uma filha casada) e um na propriedade B. Outros dois (7,1%) continuam no setor agrícola em outras propriedades (um da C e um da F). Dos demais, 17 (60,8%) exercem atividades urbanas, inclusive um genro do proprietário A, que reside na propriedade. Três (10,7%) (propriedade D), possuem idades inferior a doze anos e estão estudando. Uma das razões associada a essa alta desvinculação dos herdeiros à propriedade dos pais pode estar associada às características físicas do solo, que apresentam alta incidência de pedregosidade e declividade acentuada, resultando em pequenas parcelas com potencial para a produção agrícola.

De todas a propriedades, a E não apresenta perspectiva de se manter produtiva com a atual família pois, os filhos e genros exercem atividades urbanas e, segundo o próprio produtor, sem expectativa de retornarem ao setor rural na propriedade. As propriedades B e D não apresentam expectativas de sustentabilidade para uma família, caso

forem mantidas as atuais estruturas de atividades. Assim, 50% das propriedades tendem, no futuro, a mudar de proprietário ou passar a ser urbanizada através da transformação em residência rural de trabalhadores urbanos, caso for mantido o mesmo perfil de uso.

Quanto ao número de famílias que vivem nas propriedades, na **A**, residem quatro famílias, sendo que, somente uma (filho casado) depende totalmente da renda obtida na mesma. O proprietário e sua esposa recebem renda de aposentadoria e as duas outras famílias têm membros (chefes das famílias) trabalhando no setor urbano. Da propriedade **C** dependem, parcialmente, duas famílias. Uma de um filho que reside no setor urbano, onde a esposa trabalha, e outra do proprietário, que é composta de três pessoas. Nas propriedades **D**, **E** e **F** reside somente uma. O proprietário **B** reside no setor urbano com a família, onde duas filhas trabalham em indústria de calçados.

O número médio de pessoas dependentes, total ou parcialmente, das atividades na propriedade é de 6,5 por propriedade, variando de 14 na propriedade **A**, até 2 pessoas na propriedade **E**.

2. Posse da Terra

Dos seis proprietários, quatro possuem áreas recebidas de herança, desses, três também possuem áreas adquiridas de terceiros. Os dois produtores que não possuem área de terra herdada, declararam ter recebido auxílio da família para adquirir sua primeira propriedade. Os dados levam a crer que a participação da família no processo de formação da propriedade dos produtores entrevistados, através de herança ou colaboração financeira para a aquisição, é efetiva. Da área total atual das propriedades 88,6% foram adquiridas (Tabela 2).

O arrendamento de terra de terceiros é uma prática comum na região. Três arrendam área de terceiros e dois cedem áreas em arrendamento para terceiros. O produtor **B** arrenda área de terceiros para o plantio de acácia e ao mesmo tempo cede área no sistema de arrendamento para o plantio de culturas anuais. Dez, dos doze hectares arrendados de terceiros, foram destinados ao plantio de acácia e os dois restantes para lavouras. Já, no que se refere às áreas arrendadas para terceiros, todos foram destinadas a lavouras.

Tabela 2. Situação de posse da terra de seis produtores de acácia negra na região da Encosta da Serra - RS (em hectares)

Produtores	Aquisição por		Arrendamento		Venda	Total	
	Compra	Herança	de terceiros.	para terceiros		Pró-pria	Explorada
A	9,0	12,0	5,5	0,0	0,0	21,0	26,5
B	0,0	5,0	6,0	1,0	0,0	5,0	10,0
C	50,0	0,0	0,0	0,0	0,0	50,0	50,0
D	2,7	1,3	0,5	0,0	1,3	2,7	3,2
E	86,3	0,0	0,0	2,0	43,0	43,3	41,3
F	20,0	3,5	0,0	0,0	0,0	23,5	23,5
Média	28,0	3,6	2,0	0,5	7,4	24,2	25,7

O tamanho médio das áreas total exploradas é de 25,7 ha sendo 94,2% constituído de área própria e o restante de arrendamento de terceiros, mediante pagamento com parcela da produção obtida.

3. Uso da Terra

3.1. Lavouras Anuais

A única lavoura que se faz presente em todas as unidades é o milho. A área média cultivada é de 2,8 hectares, variando de 1 a 6,7 hectares. Somente dois produtores utilizam o consórcio de milho e feijão, que era um sistema predominante nas pequenos proprietários.

O cultivo mais intensivo do milho parece estar relacionado ao seu uso para alimentação animal, que é uma das principais fontes de renda agrícola das propriedades.

O cultivo da batata inglesa, também é importante na região e, em duas das propriedades analisadas, foi observado o cultivo com finalidade comercial.

A pequena área cultivada com lavouras leva a crer que os solos se encontram exauridos pelo uso contínuos ao longo dos anos e pelo seu alto potencial erosivo.

3.2. Áreas com Pastagens

As áreas com pastagens são constituídas de pastagens perenes, de inverno e de capineiras e forragem para silagem.

Em todas as propriedades existe uma área destinada a pastagens perenes formadas com gramíneas, que muitas vezes, é utilizada mais como área de exercício dos bovinos do que para suprimento alimentar. A área média é de 2,4 hectares, variando de 0,5 a 10 hectares, é praticamente a mesma das culturas anuais.

Somente um produtor (**C**) não implantou área com milho forrageiro para a produção de silagem destinada ao suprimento alimentar do gado no período de inverno.

3.3 Áreas com Acácia, Matas e Capoeiras

A existência de cultivo de acácia, que foi condicionante à seleção das propriedades, variou de 0,4 a 16,0 hectares, com uma média de 6,3 ha por propriedade. A área média com acácia é superior a destinada às culturas anuais mais pastagens evidenciando a importância da cultura para os produtores.

As áreas com acácia variam entre as propriedades não só em termos absolutos como também em relativos. No caso da propriedade **B** o percentual é de 60% caindo para 32,0% na **C**, 27,9% na propriedade **A** e a menos de 12% nas demais. O fato das propriedades **A** ter 62,2% da área com acácia em área de terceiros e a **B** 80%, faz com que haja um aumento do percentual geral da área com acácia, uma vez que, o arrendamento recai somente sobre a área cultivada. A forma de arrendamento, vigente na região, é a entrega, no final do ciclo, de 50% da casca e da lenha produzida.

A existência de matas nativas nas propriedades se deve mais a limitações físicas de uso do solo do que a outros interesse declarados pelos produtores. A propriedade com maior proporção de área com matas nativas é a **C**, tendo o proprietário declarado que mantém 20% do total da propriedade com esse tipo de uso e que, outros 20% são considerados inaproveitáveis devido a declividade e pedregosidade.

4. Criação de Animais

A bovinocultura de leite ocorre em cinco propriedades. Já a pecuária de corte é praticada com exclusividade somente na propriedade **C** e nas demais é fruto do aproveitamento dos machos originários da pecuária de leite.

Os suínos, devido a pequena escala da criação, são destinados prioritariamente ao consumo familiar, embora algum excedente gerado seja destinado ao mercado local. Somente a propriedade **A** possui uma estrutura de produção que, normalmente, gera pequenos excedentes direcionados ao mercado.

No que diz respeito a criação de aves, nenhum produtor explora avicultura de corte em sistema de granjas especializadas. O produtor **C** possui um plantel significativo de aves destinadas à produção de ovos (900 aves), cujo valor da produção representa uma parcela significativa da renda bruta da propriedade. Os demais produtores exploram basicamente a “avicultura caipira” destinada basicamente ao consumo familiar e venda de eventuais excedentes.

5. Formação da Renda Agrícola das Propriedades

Para a análise da formação da renda foram coletadas informação sobre a produção vendida, consumida e o valor dos insumos e serviços de terceiros pagos no processo de produção. Os valores agregados de todos os segmentos da produção constam da Tabela 3.

5.1. Produção de Origem Animal

A produção animal, onde estão agrupados os produtos de aves, suínos e bovinos, varia bastante grande entre as propriedades.

Tabela 3. Valores Agregados da Produção Agrícola Consumida, Vendida, Insumos e Serviços Pagos e Saldo Monetário.

Produ-tores	Consumo	Venda (A)	Total	Insumos (B)	Saldo (A-B)
A	2.653,40	15.736,80	18.390,20	1.005,00	14.731,80
B	2.299,00	3.420,00	5.719,00	238,00	3.182,00
C	289,00	32.850,00	33.139,00	8.710,00	24.140,00
D	1.184,00	2.054,80	3.239,20	185,00	1.869,80
E	2.603,00	4.700,00	7.303,00	553,00	4.147,00
F	1.582,60	9.110,00	10.692,60	1.155,00	7.955,00
Média	1.768,57	11.311,93	13.080,50	1.474,33	9.837,60

A produção de suínos da propriedade **A** e a de bovino leiteiro das propriedades **A**, **B** e **D**, e a de aves (ovos) da propriedade **C**,

apresentam um valor da produção comercializada superior ao do consumo familiar. As demais atividades relacionadas a criação de animais são predominantemente destinadas ao consumo familiar. No agregado da produção animal, o consumo familiar representa 23,9%.

Em termos agregados, somente as propriedades **E** e **F** consomem mais produtos de origem animal do que vendem no mercado, se caracterizando como propriedades direcionadas a produtos vegetais.

5.2. Produção de Origem de Lavouras

Considerando os valores médios das seis propriedades analisadas, o consumo familiar de produtos de lavouras representou somente 6,7% do valor total da produção desse grupo de produtos.

As propriedades **A**, **C** e **F** se caracterizam por uma maior participação da produção vegetal na formação do valor total de vendas ao mercado. Na propriedade **A**, se destaca o cultivo de batata inglesa e de aipim, na propriedade **C** o cultivo de hortaliças e na propriedade **F** o cultivo da batata inglesa. Todos esses produtos apresentam uma maior valor de produção por unidade de área do que o obtido com lavouras como o milho, feijão e arroz.

As propriedades **B** e **D** possuem pouca área própria, o que restringe as atividades com lavouras e as famílias direcionaram seus esforços para ampliar a renda não agrícola. A propriedade **E**, apesar de possuir área suficiente e equipamentos (trator equipado) cultiva pequenas área com lavoura. Isso, aparentemente está relacionado ao fato do produtor e sua esposa serem aposentados e de seus filhos terem se direcionados à atividades fora da agricultura.

O milho teve alguma participação nas propriedades **C**, **E** e **F**, contudo, deve ser destacado, que para efeito de cálculo do valor da produção, o consumo de milho pelos animais não foi computado o que reduziu a participação da cultura na formação da renda total.

Uma das causas da baixa participação das lavouras na formação do valor da produção das propriedades, sem dúvida, é o baixo potencial agrícola dos solos, aliados, atualmente, ao “desgaste” destes, devido ao mau manejo.

5.3. Produtos de Origem no Cultivo da Acácia Negra

A produção florestal das propriedades é totalmente originária do cultivo da acácia negra e, para efeito de análise, foi dividida em três componentes, quais sejam: lenha, casca e árvores. No caso da lenha, efetuou-se uma separação da produção destinada ao consumo familiar daquela vendida no mercado regional (Tabela 4).

O consumo familiar de lenha de acácia é pequeno se comparado com o destinado ao mercado. Mas, ele se situa acima do valor médio de consumo de feijão nas propriedades. Considerando-se somente as propriedades que produziram lenha de acácia no ano, o valor do consumo médio passaria de R\$140,00 (média geral) para R\$260,00, ficando acima do somatório dos produtos de origem em lavoura.

A participação da venda da casca no valor da produção total da cultura (casca mais lenha), foi de somente 17,4%. Isso pode ser considerado baixo para o principal subproduto da cultura.

A venda das árvores em pé é um procedimento comum entre produtores. No período considerado para a coleta dos dados, julho de 1995 a agosto de 1996, somente o produtor C declarou ter vendido 7 hectares de mata de acácia. No ano anterior, os produtores A e B também haviam realizado o mesmo tipo de vendas. Esse procedimento libera o produtor de usar mão-de-obra da colheita.

Tabela 4. Consumo familiar e venda de produtos de origem florestal a nível das propriedades, em R\$1,00.

Produ-tores	Consumo de Lenha	Vendas			
		Venda	Casca	Árvores	Total
A	200,00	3.550,00	900,00	0,00	4.450,00
B	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
C	0,00	0,00	0,00	9.000,00	9.000,00
D	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
E	400,00	3.200,00	600,00	0,00	3.800,00
F	240,00	3.600,00	450,00	0,00	4.050,00
Media	140,00	1.725,00	325,00	1.500,00	3.550,00

Segundo os produtores o mato de acácia em pé é comercializado por um valor equivalente a 50% do valor da lenha e da casca colhidos,

o que significa que o custo da colheita corresponda a 50% do valor total da produção.

6. Rendas não agrícolas

Para se quantificar a importância das rendas não agrícolas das famílias buscou-se obter informações a respeito dos valores auferidos.

Pelos dados da Tabela 5 é possível constatar que somente duas propriedades obtiveram ganhos de atividades de empreitadas, assim mesmo com pouca representatividade. Já o número de aposentados por família foi de 1,7 pessoas com um máximo de quatro. Em duas propriedades não existe nenhum membro da família aposentado. Em duas famílias existem aposentados de atividades não agrícolas fazendo com que o valor médio das aposentadorias fosse mais elevado.

Em três propriedades existem membros das famílias assalariados. O valor médio recebido se situa abaixo daquele das aposentadorias e o proveniente de outras atividades. Contudo é expressivo, em especial para dois núcleos familiares (A e B). Os membros da família assalariados praticamente não desenvolvem atividades produtivas na propriedade. Nota-se uma atitude inversa com os aposentados.

Tabela 5. Grupos de rendas não agrícolas de membros da família, residentes nas propriedades, em R\$1,00.

Produtores	Empreitadas	Aposentadorias	Salários	Outras Rendas	Total Geral
A	0,00	2.912,00	4.368,00	0,00	7.280,00
B	50,00	8.424,00	5.356,00	0,00	13.830,00
C	0,00	2.912,00	2.730,00	16.200,00	21.842,00
D	0,00	0,00	0,00	10.800,00	10.800,00
E	750,00	5.096,00	0,00	0,00	5.846,00
F	0,00	0,00	0,00	6.720,0	6.720,00
Media	133,33	3.224,00	2.075,67	5.620,00	11.053,00

Os valores auferidos por outras atividades correspondem a alugueis de imóveis urbanos, serviços artesanais das esposas e filhas e trabalho com transporte, com caminhão próprio. Para obter-se o valor

dos aluguéis, das atividades de artesanato e de frete foi solicitado o valor considerado líquido, ou seja, descontados os custos de insumos, no caso do artesanato e de manutenção do caminhão, no caso do frete.

III. CONCLUSÕES

As principais conclusões do estudo são:

Os proprietários entrevistados adquiriram toda ou parte de suas áreas de terras com a participação da família. Isto mostra a importância da família na formação da sucessão.

Com os filhos dos atuais proprietários está havendo uma grande evasão de pessoas da área rural.

Há uma pequena participação na formação das rendas de atividades tradicionais de lavouras, em favor das atividades de criação de animais e de cultivo de acácia negra, caracterizando uma mudança estrutural no sistema produtivo.

São de grande importância as rendas não agrícolas para as famílias, tanto dos assalariados ativos quanto dos aposentados, que representam 70% da população com mais de 12 anos.

É expressiva a incidência de “agricultores de tempo parcial”, bem como “agricultores com residência urbana” e de agricultores aposentados caracterizando uma baixa dependência econômica nas atividades do setor rural.

A discussão mostrou que os produtores estão socialmente integrados à dinâmica urbana e que a aposentadoria é usado como estratégia de ampliação de renda familiar.

Os dados analisados indicam que há crise de inserção dos filhos nas atividades da propriedade, obrigando-os a se deslocarem para o meio urbano, que lhes oferece mais oportunidades.

A acácia negra se insere nas propriedades com objetivo de gerar renda, reduzir jornada de trabalho e melhorar o aproveitamento de áreas de solo com uso restrito para o cultivo de lavouras.

IV. BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Ministério da Agricultura. Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária. Divisão de Pesquisa Pedológica. **Levantamento de reconhecimento dos solos do Estado do Rio Grande do Sul.** Recife, 1973. 431p. (Boletim Técnico, 30).

- FLEIG, F.D.; SHNEIDER, P.R., CIPRANDIO, Rentabilidade econômica da acácia-negra (Acacia mearnsii, Wild) no Rio Grande do Sul. In: Jornadas Técnicas: La Economia Florestal Y el Desarrollo Sustentable, Rentabilidad de la Empresa y el Setor Florestal en el Contexto del Mercosul. 8. 1995, Eldorado, Missiones. Actos. Eldorado: Facultad de Ciências Florestales / Instituto Subtropical de Investigacion Florestal, 1995. 193p.
- FUNDAÇÃO IBGE (Rio de Janeiro, RJ) **Folhas SH. 22 Pôrto Alegre e Parte das Folhas SH.21 Uruguiana e SI.22 Lagoa Mirim**. Rio de Janeiro 1986. 791p. (Levantamento de Recursos Naturais, 33).
- GRAZIANO DA SILVA J. Evolução do emprego rural e agrícola. Anais. CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 33. Curitiba. SOBER, 1995. p.1437-1460
- GRAZIANO DA SILVA J. O novo rural brasileiro. Anais. CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 34. Aracaju. SOBER, 1996. p.71-90
- GROSSI, A. Transformação no meio rural paranaense. Anais. CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 34. Aracaju. SOBER, 1995. p.51-70.
- OLIVEIRA, H. A. **Acácia negra e o tanino**. Porto Alegre. La Salle. 1968 117p.
- PETIT M., 1981 - **Théorie de la décision et comportement adaptatif des agriculteurs**. Dijon: ENSSAA/INPSA/INRA/ INRAP, 1981. pp.1-36.
- SCHNEIDER, S. **Transformações recentes da agricultura familiar no Rio Grande do Sul**: o caso da agricultura em tempo parcial. Porto Alegre. Ensaios FEE. Porto Alegre. 1995. Fundação Estadual de Estatística. (16) 1. 1995. p105-129.
- SIQUEIRA, J.D.P. **Diagnóstico e avaliação do setor florestal brasileiro** - relatório da região Sul. Curitiba, ITTO / IBAMA / FUNATURA. 1995. 77p. Sumário Executivo.